

VIOÊNCIA E CONSUMO DE CORPOS NA DISTOPIA *SABOROSO CADÁVER*, DE AGUSTINA BAZTERRICA

*Priscilla Costa**
priscillapatd@hotmail.com
Universidade Federal da Paraíba

*Liane Schneider***
ls@academico.ufpb.br
Universidade Federal da Paraíba

Resumo: O livro *Saboroso Cadáver*, da escritora argentina Agustina Bazterrica, retrata uma sociedade em que um vírus se espalhou entre os animais de todo o planeta, tornando sua carne mortal aos humanos. Pressionados pela indústria da carne, os governos do mundo legalizam a criação e reprodução de seres humanos como animais de abate e somos gradualmente apresentados ao funcionamento de uma sociedade em que o canibalismo é legalizado. Este artigo busca analisar esta narrativa distópica a partir do conceito de realismo capitalista proposto por Mark Fisher e discutir a instrumentalização da linguagem e a representação da violência de gênero no livro à luz do conceito de referente ausente conforme aplicado por Carol J. Adams. Enquanto literatura de ficção especulativa latino-americana contemporânea, pretende-se investigar os paralelos que o livro estabelece com a configuração atual da sociedade, refletindo sobre funções sociais frequentemente associadas ao gênero distópico.

Palavras-chave: Distopia. Realismo capitalista. Violência de gênero.

1 Introdução

Em *Saboroso Cadáver*, livro publicado originalmente em 2017 e no Brasil em 2022 pela editora Darkside (tradução de Ayelén Medail), a escritora argentina

* Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na linha de pesquisa Estudos Decoloniais e Feministas. Pós-graduanda em Escrita Criativa (Especialização - UNIESP). Graduada em Letras - Língua Inglesa pela UFPB, contexto no qual atuou como extensionista e pesquisadora em diversos projetos, e como professora de língua inglesa no contexto do Programa Idiomas sem Fronteiras. No período 2021-2022, foi bolsista Fulbright atuando como assistente de ensino de Português como Língua Estrangeira na University of Utah, em Salt Lake City-UT, pelo programa Fulbright FLTA.

** Possui Graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1985), Mestrado em Letras pela mesma universidade (1995) e Doutorado em Letras (Inglês e Literaturas Correspondentes) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001). Desde 2002 é professora da Universidade Federal da Paraíba, hoje no nível de titular, Classe E do Ensino Superior. Foi Coordenadora do GT da ANPOLL A Mulher na Literatura de 2006 a 2008 e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB de 2007 a 2009. As pesquisas que desenvolve enfocam centralmente os estudos de gênero, feministas, a crítica literária e estudos indígenas. Cumpriu Estágio sênior (POS DOC) em 2014 na Universidade de Alberta, Edmonton, Canadá, apoiado pela CAPES. Em 2022, cumpre Pos doc junto ao PPGLIT UFSC.

Agustina Bazterrica apresenta uma sociedade em que um vírus se espalhou entre os animais de todo o planeta, tornando sua carne mortal aos humanos. Com o fim da oferta de carne animal, casos de assassinatos começam a ocorrer com o objetivo de consumir as vítimas como alimento, instaurando medo na população. Pressionados pela indústria da carne e embasados por um poderoso discurso científico que declara o veganismo impraticável, os governos do mundo legalizam a criação e reprodução de seres humanos como animais de abate e, conseqüentemente, seu consumo pela população. Em outras palavras, sancionam o canibalismo. Os animais que sobrevivem ao vírus, que agora representam uma ameaça à humanidade, são sacrificados, e a indústria da carne é ressignificada para atender às novas demandas do mercado. Ao processo de reconfiguração social em função da institucionalização do canibalismo dá-se o nome de *Transição*. No livro, acompanhamos a rotina de Marcos Tejo, alto funcionário de um renomado frigorífico argentino, personagem marcado pelo trauma da recente morte de um filho e o fim de seu casamento, e através de quem temos uma visão privilegiada dessa sociedade pós-transição.

O presente trabalho afina-se com o corpo de pesquisas na área de Estudos Decoloniais e Feministas que tem apresentado grande crescimento na América Latina nas últimas décadas e consiste em três partes. Na primeira, buscamos analisar elementos de *Saboroso Cadáver* a partir do conceito de *realismo capitalista* proposto por Mark Fisher, considerando de que forma o canibalismo retratado no livro se relaciona com uma antropofagia simbólica inerente ao sistema capitalista. Em um segundo momento, pretendemos discutir a instrumentalização da linguagem e a representação da violência de gênero no livro à luz do conceito de *referente ausente*, conforme aplicado por Carol J. Adams à sua teoria feminista-vegetariana. Por fim, almejamos situar a narrativa de Agustina Bazterrica enquanto representante da literatura de ficção especulativa latino-americana contemporânea, investigando os paralelos que o livro estabelece com a configuração atual da sociedade e refletindo sobre funções sociais frequentemente associadas ao gênero distópico.

2 Vida de gado: capitalismo e canibalismo

Dentre as principais explicações para a agilidade e a eficácia da *Transição*, talvez a mais poderosa delas seja a pressão imposta aos governos pela indústria da

carne, que vê no canibalismo regulamentado um caminho para a própria sobrevivência por meio da ressignificação de sua estrutura:

A legalização foi levada adiante quando os governos foram pressionados por uma indústria bilionária que estava parada. Os frigoríficos e as regulamentações foram adaptados. Pouco tempo depois, começaram a ser criados como gado de corte para abastecer a demanda massiva de carne (Bazterrica, 2022b, p. 17).

Essa motivação encontra respaldo também na realidade, dado que a economia da Argentina, onde se passa a história, é fundamentada na agropecuária e principalmente na exportação de produtos de origem animal¹. Vemos, portanto, como o patrocínio dessa indústria é essencial para a consolidação da ideia de que a transição é necessária, inevitável. O caráter econômico da política da carne fica ainda mais evidente quando nos perguntamos por que a sociedade representada no livro optou pelo consumo de carne humana, o que sem dúvida é uma decisão extrema, em vez da adoção do veganismo, por exemplo. Em seu livro *Realismo Capitalista: é Mais Fácil Imaginar o fim do Mundo do que o fim do Capitalismo?*, o escritor, filósofo e teórico cultural Mark Fisher compara o capitalismo ao monstro do filme *A Coisa* de John Carpenter, “uma entidade monstruosa e infinitamente plástica capaz de metabolizar e absorver qualquer coisa com a qual entre em contato” (Fisher, 2020, p. 15), fagocitando inclusive qualquer alternativa a si mesmo. A esse “sentimento disseminado de que o capitalismo é o único sistema político e econômico viável, sendo impossível imaginar uma alternativa a ele” (Fisher, 2020, p. 10), o autor dá o nome de *realismo capitalista*.

Em *Saboroso Cadáver*, vemos socialmente consolidado um sentimento semelhante em relação à *Transição*. Por exemplo, temos na figura do personagem Urlet, dono de uma reserva de caça de animais transformada em casa de caça de pessoas, uma naturalização do processo ao afirmar que “desde que o mundo é mundo nos comemos uns aos outros. Se não for de maneira simbólica, nos fagocitamos literalmente. A Transição concedeu a possibilidade de sermos menos hipócritas” (Bazterrica, 2022b, p. 126). Já Marcos Tejo parece assombrado pela ideia de que abandonar sua profissão de gerente de um importante frigorífico da Argentina seria

¹ De acordo com o portal do Governo Federal brasileiro (www.gov.br), a Argentina “baseia sua economia na exportação de carne, mel e lã (além de produtos agrícolas) desde o século 19. Na pecuária, é grande produtor mundial de carne bovina, o 4º maior produtor mundial de mel, o 10º maior produtor mundial de lã” (Brasil, 2022).

inútil, pois um novo funcionário seria contratado e o sistema se manteria em perfeito funcionamento. Isso, aliado a uma justificativa explorada continuamente ao longo do livro — a necessidade financeira de se manter empregado a fim de sustentar os cuidados médicos do pai enfermo — ajuda a representar um personagem que, embora compreenda a natureza hedionda da indústria da qual faz parte, percebe sua complacência ao sistema como inevitável.

Por mais que haja em Marcos Tejo vestígios de um pensamento crítico ou de uma rejeição às práticas canibais institucionalizadas, o que se sobressai no personagem é uma espécie de condescendência passiva ou, como descreve Fisher, uma *impotência reflexiva*, uma espécie de profecia autorrealizável que reflete em ações (ou em inércia) a crença de que não há a nada a ser feito sobre como as coisas estão. A narração e a organização do enredo podem nos levar a crer, ao menos na primeira metade do livro, que Marcos representa uma resistência real ao sistema, que ele poderá se tornar uma figura importante em algum tipo de investida contra o *status quo*. Contudo, uma leitura cuidadosa nos revela que esse afrontamento ocorre apenas em um nível privado, na maneira como o personagem se recusa a comer “carne especial” ou em suas visitas ao zoológico, nas quais interage com uma matilha de cachorros sobreviventes. No mais, ele continua desempenhando seu papel social de maneira consistente, sem nunca ir de encontro às regras.

No realismo capitalista, a inércia política é consolidada em parte pela subordinação “a uma realidade infinitamente plástica, capaz de se reconfigurar a todo instante” (Fisher, 2020, p. 93). A capacidade da sociedade argentina, conforme apresentada na narrativa, de transitar por realidades distintas e, por vezes, contraditórias, ou seja, essa infinita plasticidade do que concebem como realidade, está no cerne do funcionamento da nova configuração social em *Saboroso Cadáver*: “a ‘realidade’ assemelha-se às multiplicidades de opções disponíveis em um documento digital, no qual nenhuma decisão é definitiva, há sempre a possibilidade de revisão e a qualquer instante pode-se retornar a um momento interior” (Fisher, 2020, p. 93). Nesse sentido, Bazterrica explora como os limites morais e legais do comportamento humano são negociáveis e constantemente negociados — o que é moralmente correto ou mesmo permitido em um contexto social está sempre sujeito a mudanças e manipulações, o que é real ou “cientificamente comprovado” está sempre em disputa. Um exemplo claro da fluidez moral presente no livro é a tentativa de

distanciar as práticas para fins de consumo de carne humana de práticas comuns no período da escravização legalizada. Na Argentina retratada em *Saboroso Cadáver*,

[...] há pessoas que criam cabeças domésticas e as vão comendo enquanto estão vivas, aos poucos. Dizem que a carne é mais saborosa, bem fresca, garantem. Já estão à venda os manuais que explicam como, quando e onde fazer o corte para que o produto não morra antes do tempo. Possuir escravos é proibido. [...] “A escravidão é barbárie” (Bazterrica, 2022b, p. 45).

Fisher afirma que essa estratégia “de aceitar sem questionamentos o incomensurável, o sem sentido — sempre foi uma técnica de sanidade por excelência, mas tem um papel essencial no capitalismo tardio [...] Em tais condições de precariedade ontológica, esquecer converte-se em estratégia de adaptação” (Fisher, 2020, p. 96). Diante de contradições tão óbvias, as estruturas de manipulação da realidade, especialmente aquelas que servem ao apagamento da humanidade do “outro” tais como as descritas em *Saboroso Cadáver*, funcionam ao mesmo tempo enquanto ferramentas de opressão para quem a elas está subjugado e estratégias de sobrevivência para quem as impõe.

Em *A Política Sexual da Carne*, livro que será discutido de maneira mais aprofundada adiante, Carol J. Adams cita o escritor e ativista político estadunidense Upton Sinclair e sua obra *The Jungle* para ilustrar o funcionamento do matadouro de animais enquanto alegoria para a desumanização do trabalhador numa sociedade capitalista moderna, ressaltando a semelhança entre a fragmentação característica da matança de animais e a divisão do trabalho nas linhas de montagem fordistas. Esta é uma ideia que permeia todo o enredo de *Saboroso Cadáver* e que nos remete a outros exemplos de expressões culturais na América Latina que a incorporam de alguma maneira. Basta pensar na canção *Admirável Gado Novo* do músico paraibano Zé Ramalho, cujo título não à toa faz referência a um clássico da literatura distópica, e que explora condições sociais que transformam a vida humana em uma experiência análoga a vida de um animal no que se refere ao cerceamento de sua liberdade e subjetividade. Nesse sentido, Adams descreve a alienação que parece unir essas duas dimensões:

Uma das coisas básicas que precisam acontecer na linha de desmontagem de um matadouro é que o animal deve ser tratado como um objeto inerte, e não como um ser vivo, que respira. Do mesmo modo o trabalhador na linha de montagem é tratado como um objeto inerte, que não pensa, cujas necessidades criativas, corporais e emocionais são ignoradas. Mais que

quaisquer outros, esses trabalhadores da linha de desmontagem dos matadouros têm de aceitar em grande escala a dupla aniquilação do eu: precisam não só negar sua pessoa como também aceitar a ausência cultural da referência dos animais. Precisam ver o animal vivo como a carne que todos lá fora aceitam que ele é, embora o animal ainda esteja vivo. Assim, eles precisam ser alienados do seu próprio corpo e também do corpo dos animais (Adams, 2018, p. 94).

Se aplicamos essas considerações ao contexto de *Saboroso Cadáver*, tal malabarismo mental parece ainda mais necessário e poderoso: é preciso esquecer que se é humano e que quem está sendo morto também o é. O nível de controle necessário para manter esse sistema evidencia também sua fragilidade: por isso, a importância das palavras é ressaltada diversas vezes ao longo do livro, uma vez que é a linguagem e a cautela em seu manejo que sustentam a fantasia de que o canibalismo regulamentado, ainda que não seja o cenário ideal, é o único possível. Essa negação exerce ainda uma função importante de ocultar o caráter fictício da separação entre consumidor e produto. Embora essas categorias não sejam estanques — visto que virar “produto” é uma das penas infligidas àqueles que desobedecem às leis da sociedade pós-transição — a crença nessa separação garante a ilusão de segurança necessária para manter o sistema em funcionamento.

Em entrevistas concedidas desde a popularização do livro, Agustina Bazterrica tem tratado de um canibalismo simbólico que faz paralelo à forma como, em seu livro, a morte de alguns garante não apenas a sobrevivência, mas a manutenção dos modos de existência de outros. Como resume Raquel Riera, *Saboroso Cadáver*, ao mesmo tempo, “aborda a brutalidade do sistema capitalista contra animais e alude às formas simbólicas como a humanidade descarta muitos grupos tidos como subalternos” (Riera, 2021, p. 105). Partindo desse contexto, é interessante observar como o uso específico da linguagem é eficaz em tornar aceitável o consumo de carne humana, em justificar a exploração de grupos considerados menos que humanos.

3 O preço da carne: linguagem, cultura e poder

Um elemento comumente encontrado em narrativas distópicas é o foco no papel desempenhado pela cultura e pela linguagem na manutenção do *status quo*, o que frequentemente envolve adequações semânticas, a instrumentalização da propaganda e o uso da censura para evitar contradições que possam ameaçar a

estabilidade da ordem social². Essa manipulação da realidade, frequentemente baseada em eufemismos, é algo que domina a indústria da carne animal hoje e que Bazterrica toma emprestado da realidade.

A escritora e ativista estadunidense Carol J. Adams investiga esse fenômeno em *A Política Sexual da Carne*, através de uma discussão sobre o *referente ausente*, elemento que possibilita, segundo a autora, o consumo de carne animal enquanto produto através da negação de todo o processo que o antecede. Ela afirma que os animais se tornam ausentes “por meio da linguagem que renomeia corpos mortos antes de os consumidores os comerem. Além disso, nossa cultura mistifica o termo ‘carne’ com a linguagem gastronômica, porque com isso não evocamos morte, animais retalhados, mas apenas cozinha” (Adams, 2018, p. 79), o que, por sua vez, nos remete ao aspecto legitimador da sobrevivência, a ideia de que comer essa carne nos garante a vida. Ela acrescenta que:

[...] embora os significados culturais do consumo de carne mudem historicamente, uma parte essencial do significado da carne é estática: não se come carne sem a morte de um animal. Os animais vivos são, portanto, os referentes ausentes do conceito de carne. O referente ausente nos permite esquecer o animal como uma entidade independente; além disso, nos capacita a resistir aos esforços para tornar presentes os animais (Adams, 2018, p. 79).

Para garantir a negação do processo que proporciona o consumo da carne, ou seja, a morte do animal, precisamos esquecer que o que consumimos já foi um ser vivo. Para este fim, animais tornam-se “uma unidade de produção de alimento, um coletor de proteína, um objeto, produto, [...] máquina produtora de ovos, máquina de conversão, biomáquinas [...], ‘unidades animais consumidoras de grãos’” (Adams, 2018, p. 87). O mesmo ocorre em *Saboroso Cadáver*, visto que a linguagem — e sua relação com a memória coletiva — é utilizada como ferramenta de invisibilização da violência estatal: a palavra canibalismo é banida do vocabulário; seres humanos não são assassinados, mas “industrializados”; na verdade, não são seres humanos, mas “cabeças”, não mulheres e homens, mas “fêmeas” e “machos”; o “produto” consumido

² Um exemplo clássico do uso da linguagem para tais fins é a distopia *O conto da Aia*, da escritora canadense Margaret Atwood. Nele, parte da estratégia de manutenção de uma sociedade baseada no controle dos corpos e dos direitos reprodutivos das mulheres envolve privá-las de seu nome e renomeá-las enquanto propriedade dos homens em posição de poder que têm acesso a seus corpos. À protagonista, por exemplo, é imposto o nome de Offred: literalmente *of-Fred*, ou [propriedade] de Fred. Algo semelhante pode ser observado também na resignificação da regulamentação do estupro, através da transformação da violência sexual em um ritual religioso cuja “necessidade” é fortemente associada à sobrevivência da humanidade.

por famílias em todo o mundo não é carne humana, mas “carne especial”; o torso humano é chamado de “peça” e, com base na nomenclatura utilizada no corte de carne suína, as extremidades superiores passam a ser chamadas de “mãozinhas” e as inferiores de “patinhas”. De fato, há um notável foco na arquitetura linguística necessária para sustentar essa nova dinâmica social.

Vale lembrar que as palavras ‘desumanizar’ e ‘animalizar’ são corriqueiramente utilizadas enquanto sinônimos: por exemplo, ao tentarmos descrever uma experiência em que fomos maltratados ou submetidos a condições indignas, é comum dizer que fomos tratados como animais. Dessa maneira, também por meio da linguagem, animais e humanos se estabelecem como opostos em uma dicotomia forjada por uma percepção do ser humano “como superior ao animal a partir da rejeição de tudo aquilo que remete a características animais, consideradas abjetas – o que, por sua vez, abre espaço para que o animal, em sua posição inferior, possa ser subjugado às vontades e necessidades do homem” (Riera, 2021, p. 98). Bazterrica transpõe essa dicotomia para o cenário distópico de seu livro, descrevendo de maneira minuciosa como o tratamento que já dispomos aos animais é replicado na produção e consumo de carne humana.

Portanto, o livro chama atenção para o uso da linguagem enquanto ferramenta fundamental de sistemas de opressão: é mais fácil e socialmente aceitável violentar e aniquilar aquilo que é outro, distante e distinto de nós, isento de humanidade³. A autora confirma que essa foi uma das forças motrizes do livro:

A linguagem encobre ou revela. Barthes nos revela o poder das palavras e, claro, destaca que a linguagem é uma construção social, portanto, constrói a nossa identidade. Não é necessário ser um linguista para entender isso, e os regimes totalitários sabem disso muito bem, porque ao limitar a linguagem também se limita o pensamento. Há uma citação do líder nazista Joseph Goebbels que diz: “Nós não queremos convencer as pessoas das nossas ideias, queremos reduzir o vocabulário de tal forma que não possam expressar ideias que não sejam as nossas”. Essa frase resume o que acontece com a linguagem em **Saboroso Cadáver**. Palavras são proibidas para que a nova realidade seja aceita com submissão, seja naturalizada. Portanto, para naturalizar o canibalismo, palavras como “canibal” são proibidas (Bazterrica, 2022a).

³ Em *Saboroso Cadáver*, por vezes, faz-se uso de comparações com animais para descrever personagens secundários da história por quem Marcos Tejo não parece ter muito apreço ou respeito, o que não deixa de ser uma estratégia narrativa de desumanização coerente com as atitudes presentes no livro. Por exemplo, no capítulo 2, Marcos diz sobre o Sr. Urami, dono do Curtume Hifo, que “os lábios dele brilham com sua saliva, tem lábios de peixe ou de sapo. [...] Há um pouco de enguia no Sr. Urami” (Bazterrica, 2022b, p. 21 -22). Já no capítulo 6, o narrador descreve o ajudante da açougueira Spanel como tendo “o olhar de cachorro”, passando a chamá-lo de O Cachorro pelo restante da narrativa (Bazterrica, 2022b, p. 41).

Tomemos alguns dos paralelos que podem ser estabelecidos entre elementos de *Saboroso Cadáver* e questões de gênero, raça e classe que permeiam nossa história até o presente. No capítulo 3 da primeira parte do livro, tem início a primeira grande descrição do mundo ficcional de Bazterrica. Nela, Marcos Tejo participa de uma visita guiada ao criadouro Tod Voldelig, oferecida pelo dono do estabelecimento, chamado de O Gringo:

Enquanto seguem rumo à saída, passam pelo galpão das prenhes. Algumas estão em jaulas, outras estão deitadas em mesas, sem braços nem pernas. Ele desvia o olhar. Sabe que, em muitos criadouros, inabilitam aquelas que matam os fetos batendo a barriga nas barras, deixando de comer, fazendo qualquer coisa para que o bebê não nasça e morra em um frigorífico. Como se soubessem, pensa (Bazterrica, 2022b, p. 30).

Esse trecho parece aludir à prática do aborto autoinduzido por mulheres negras durante o período de escravização, quando “muitas escravas se recusavam a trazer crianças a um mundo de trabalho forçado interminável, em que correntes, açoites e o abuso sexual de mulheres eram as condições da vida cotidiana” (Davis, 2016, p. 207). Na segunda parte do livro, há outra menção à escravização quando, durante sua visita à casa de caça, Marcos percebe que Urlet expõe em seu escritório “fotos de coleção de caçadores na África, caçando negros, antes da Transição. A maior e mais nítida delas mostra um caçador branco ajoelhado, segurando a espingarda e, atrás dele e, em estacas, as cabeças de quatro negros. O caçador sorri” (Bazterrica, 2022b, p. 123). As fotos estão expostas ao lado de cabeças humanas taxidermizadas que Urlet exhibe na parede como troféus.

Outro grupo particular parece acenar a percepções de classe em nossa sociedade. Em *Saboroso Cadáver*, passada a transição, além dos humanos que são abatidos para consumo, temos os *carniceiros*, um grupo de pessoas à margem da sociedade e que frequentemente passam fome, descritos no livro como indivíduos primitivos, “sujos, miseráveis, que há tempos deveriam ter matado, que são marginais de merda, que não são humanos, são pragas, são animais selvagens” (Bazterrica, 2022b, p. 173). A presença dos carneiros nos informa que, para além dos muros do matadouro, a humanidade de certos seres humanos também é um espaço de disputa.

Há menção de movimentos sociais e tentativas individuais de resistência a esse sistema, mas os focos de protesto foram se diluindo na medida em que um discurso oficial garantia a necessidade da transição, ao mesmo tempo em que reforçava os

supostos benefícios atrelados ao processo, como redução da população e da pobreza. Embora de maneira sutil, o livro sugere uma crise climática e populacional maior que parece anteceder a emergência do vírus e que alguns argumentam ter sido o motivo de sua criação, ou seja, o vírus teria sido uma invenção destinada a sanar o problema de superpopulação e suas consequências. Logo, ao falarmos de linguagem, vale ressaltar a presunção de verdade atribuída ao discurso acadêmico e científico dentro do projeto bem-sucedido de consolidação do canibalismo em *Saboroso Cadáver*. Sabemos, por exemplo, que

[...] surgiram artigos, pesquisas e notícias que afetaram a opinião pública. Universidades prestigiosas afirmaram que a proteína animal era necessária para viver, os médicos confirmaram que as proteínas vegetais não possuíam todos os aminoácidos essenciais, os especialistas asseguraram que as emissões de gases tinham diminuído, mas a desnutrição havia aumentado, as revistas falaram sobre o lado obscuro dos vegetais (Bazterrica, 2022b, p. 18).

Ao mesmo tempo, quando observamos quem foram os primeiros humanos escolhidos para serem transformados em carne, antes da regulamentação do processo — “Em alguns países, os imigrantes começaram a desaparecer em massa. Imigrantes, marginais, pobres. Foram perseguidos e, talvez, sacrificados” (Bazterrica, 2022b, p. 17) — podemos traçar um paralelo entre a ideia de controle populacional e discursos e práticas eugênicas e higienistas. Imigrantes, marginais e pobres são sacrificados por serem considerados inferiores, seja pela raça, pela classe social, pela improdutividade de seus corpos ou por serem vidas consideradas dispensáveis. Essa lógica parece continuar presente após a transição de maneira clandestina:

A carne especial dos açougues não é acessível e por conta disso, surgiu um mercado clandestino no qual se vende **carne mais barata** porque não precisa dos controles nem de vacinas e porque é carne fácil, **carne com nome e sobrenome**. É assim que a carne ilegal é chamada, aquela que se consegue e se produz após o toque de recolher (Bazterrica, 2022b, p. 39-40, grifo nosso).

Após a leitura desse trecho, é difícil não lembrar de mais um exemplo da música brasileira, a canção *A Carne*, interpretada por Elza Soares, que condena uma sociedade onde “A carne mais barata do mercado é a carne negra [...] Que vai de graça pro subemprego [...] Segurando esse país no braço” (*A Carne*, 2002), o que nos faz lembrar de formas de exploração semelhantes identificáveis nas Américas, em consequência dos processos de colonização que ocorreram no continente e que ainda

imprimem seus ecos nas produções culturais latino-americanas. Outra passagem do livro que elucida a aparente motivação de Marcos para manter seu emprego — a estabilidade financeira que proporciona a manutenção da qualidade de vida do seu pai, que vive no melhor e mais caro asilo da Argentina — nos oferece mais informações sobre como a sociedade em *Saboroso Cadáver* lida com corpos vistos como descartáveis: “nos asilos públicos a maior parte dos velhos, ao morrerem ou quando os deixam morrer, é vendida no mercado ilegal. É a **carne mais barata** que dá para conseguir, porque é seca e doente, cheia de fármacos. **Carne com nome e sobrenome**” (Bazterrica, 2022b, p. 50, grifo nosso).

Acompanhando Marcos, descobrimos que as cabeças “desde pequenos, ficam isolados em incubadoras e depois em jaulas. Que extraem as cordas vocais deles para controlá-los melhor. Ninguém quer que falem, pois carne não fala” (Bazterrica, 2022b, p. 28). O corte das cordas vocais funciona como mais uma estratégia de desumanização, uma vez que elimina uma semelhança com quem é de fato compreendido enquanto ser humano, mas também é bastante simbólico no sentido de que a voz é comumente associada à agência, a poder falar sobre si, o que também traz fortes implicações identitárias. Ao negar-lhes a voz, a sociedade canibal do livro busca negar-lhes também qualquer possibilidade de resistência às condições que lhes são impostas. Como discutido anteriormente, a presença da linguagem é um fator chave para a compreensão do mundo ficcional de Bazterrica, mas o silêncio também o é. A autora afirma:

Também trabalhei com os silêncios, com o que não se diz, que é outra forma de absorver, porque ao não dizer certas coisas passamos a aceitar e, portanto, nos tornamos cúmplices dessa violência, dessa invisibilidade. Com a negação ajudamos a construir e a perpetuar essa realidade. Quando não se fala de feminicídios, se dá lugar à impunidade, a pensar que a vida das mulheres não tem valor, como foi feito durante anos. Ao dar nome e entender os atos de violência, nós lhes damos substância, e podemos trabalhar para preveni-los. A palavra tem um poder enorme. As palavras podem trocar realidades ou podem consolidá-las (Bazterrica, 2022a).

Nessa e em outras entrevistas, a escritora demonstra ainda a importância da linguagem quanto a questões de violência de gênero, tema que é bastante explorado na narrativa de *Saboroso Cadáver*, principalmente quando adentramos espaços ilegais, clandestinos. Como tentamos demonstrar até aqui, existe uma transposição de uma série de relevantes questões sociais contemporâneas para o universo ficcional da história. A maneira como a violência de gênero é representada no livro e como as

representações de masculinidade e virilidade são atreladas ao consumo de carne humana são um excelente exemplo e podem ser analisados à luz das proposições de Carol J. Adams, em seu livro *A Política Sexual da Carne* (2018)⁴.

Um dos argumentos fundamentais de Adams é a eficácia do discurso animalizador enquanto ferramenta de opressão e, paralelamente, como a ideia do ser humano animalizado é historicamente atravessada por uma série de questões de raça, gênero, classe etc. Adams busca desenvolver uma teoria feminista-vegetariana que visa demonstrar que mulheres e animais são submetidos a um mesmo ciclo de objetificação, fragmentação e consumo; conseqüentemente, a opressão de mulheres e animais não humanos deveria nos encaminhar a uma articulação capaz de “pôr fim ao ativismo fragmentador, [pois] não podemos polarizar o sofrimento humano e animal, uma vez que eles se inter-relacionam” (Adams, 2018, p. 26).

A autora define a política sexual da carne como um conjunto de atitudes que animaliza as mulheres e sexualiza e efemina os animais, que promove a presunção de que os homens precisam de carne e têm direito a ela, baseada em uma associação poderosa entre o consumo de carne e a virilidade. Assim, a política sexual da carne estabelece a objetificação e o consumo predatório de mulheres e animais como ideias clássicas de uma subjetividade masculina expressa material, ideológica e simbolicamente (Adams, 2018, p. 17).

Nos momentos de *Saboroso Cadáver* que lidam de maneira mais direta com questões de gênero, a história se transforma em uma concretização literal das ideias de Adams. A política sexual da carne é didaticamente ilustrada a partir do capítulo 4 da segunda parte do livro, quando Marcos visita a casa de caça gerenciada pelo personagem Urlet. O estabelecimento é descrito de maneira quase caricatural, ostentando os mais diversos símbolos culturais de uma concepção tradicional de masculinidade. Durante a visita, Tejo acaba tendo que jantar com alguns clientes da casa, todos eles “caçadores que fumam charutos puros sentados em poltronas de couro de espaldar alto” (Bazterrica, 2022b, p. 128). Prestes a se servirem do corpo de um cantor famoso abatido na caça do dia, temos uma interação em que a virilidade ali violentamente cultuada é ameaçada pela associação da ingestão do pênis do cantor a uma suposta homossexualidade do homem que o caçou. A macheza do indivíduo

⁴ *A Política Sexual da Carne* foi lançado originalmente nos Estados Unidos em 1990. O livro foi publicado no Brasil pela primeira vez em 2012 e teve uma reedição ampliada publicada em 2018 pela editora Alaúde, com tradução de Cristina Cupertino, sendo esta última a edição utilizada neste trabalho.

em questão é rapidamente restituída em uma exibição de superioridade que lembra a todos a hierarquia vigente naquele espaço:

O coração, os olhos, os rins e as nádegas são servidos para o resto dos comensais. O pênis de Ulises Vox é servido para Guerrero Iraola, que o pediu especialmente.

– Era grande, hein? – diz Guerrero Iraola.

– Agora você é bicha? Vai comer esse pedaço de pau – diz um deles. Todos riem.

– Não, é um afrodisíaco, me dá potência sexual – responde com seriedade Guerrero Iraola, e encara com desprezo aquele que o chamou de bicha.

Todos ficam em silêncio. Ninguém quer contradizê-lo porque é um homem poderoso (Bazterrica, 2022b, p. 131).

Ainda durante o jantar, algumas informações são reveladas sobre aspectos menos conhecidos da sociedade ficcional do livro. O mesmo Guerrero Iraola, que é dono de um antigo fornecedor do frigorífico onde Marcos trabalha, nos oferece acesso a um espaço ilegal e bastante lucrativo:

Guerrero Iraola está falando do cabaré Lulú. Fala em código porque é sabido que o lugar é um antro dedicado ao tráfico de pessoas, com a particularidade de que, depois de pagar por um serviço sexual, é possível pagar também para comer a mulher com quem dividiu a cama. A soma é milionária, porém há essa opção, embora seja ilegal. Estão todos envolvidos: políticos, polícia, juízes. Cada um leva sua porcentagem porque o tráfico de pessoas passou do terceiro ao primeiro negócio mais milionário. São poucas as mulheres que são comidas, porém acontece de vez em quando, como o caso comentado por Guerrero Iraola, que parece haver pagado "billions, billions" por uma loira deslumbrante que o deixou louco e depois, lógico, "tinha de ir além". Os caçadores riem e todos brindam, celebrando a decisão de Guerrero Iraola (Bazterrica, 2022b, p. 129).

O cabaré Lulú é um lugar onde os elementos descritos por Adams convergem e não há espaço para referente ausente. Após uma pesquisa superficial no acervo de imagens reais colhidas pela pesquisadora ao longo das últimas décadas⁵, cabe o exercício de imaginar qual seria a estratégia de marketing de um local como esse, caso fosse legalizado no contexto do livro. A cena repercute a análise de Adams sobre a justaposição entre a opressão das mulheres e dos animais, bem como sobre a caça enquanto grande signo de uma masculinidade tradicionalmente constituída pelo acesso ao consumo de carne e pelo controle de outros corpos. Um ponto que chama atenção na cena é a superioridade moral com que Tejo observa esses homens — “Ele pensa que o comércio carnal, nesse caso, é literal, e sente nojo” (Bazterrica, 2022b,

⁵ Ver: <https://caroljadams.com/examples-of-spom>.

p. 130) — embora sua vontade de sair daquele espaço seja amplamente motivada pelo desejo de retornar para a “fêmea” que recebera de presente nos capítulos iniciais do livro, que desde então ele mantém encarcerada sob constante vigilância e com quem tem relações sexuais ilegais. Há uma tentativa por parte do personagem de se distanciar daquelas representações extremas de misoginia. O nojo provocado nele pela figura de Urlet parece fazer parte de um esforço para animalizá-lo, para transformá-lo em monstro — “Ele sabe que a entidade, que aquilo que está ali, raspando a pele de Urlet por dentro, quer uivar, quer desgarrar o ar com uma algazarra cortante, afiada” (Bazterrica, 2022b, p. 131) — a fim de estabelecê-lo enquanto outro e, assim, distanciar-se do que ele não quer admitir sobre si mesmo. Adams chama atenção para como

O discurso animalizador costuma substituir a análise de por que a violência contra mulheres acontece; ou seja, estupradores, espancadores, ou quem quer que cometa atos violentos costumam ser animalizados (chamados de brutos, animais, etc.), quando de fato estão agindo como humanos onde a violência é deliberada e geralmente planejada (Adams, 2018, p. 300).

Em palestra intitulada *#MeToo and the Sexual Politics of Meat*, Adams questiona, por exemplo, o uso do termo “predador” para homens que cometem crimes de violência e abuso sexual. Ela explica como o termo

[...] evoca o comportamento de caça de animais carnívoros, mas também naturaliza impensadamente o comportamento sexual abusivo de homens humanos, ao mesmo tempo em que aplica um significado negativo a animais predadores reais. [...] Os homens são muitas vezes animalizados nos momentos em que, na verdade, estão agindo da maneira mais deliberada. Atos de agressão sexual, ataques, assédio e exploração não são comportamentos naturalmente animais. Exploradores sexuais em série não estão agindo de acordo com sua natureza, mas de uma forma socialmente construída, e podem mudar (informação verbal)⁶.

Como buscamos demonstrar nessa sessão, questões de gênero engendradas no livro nos apresentam elementos sociais muito familiares, que nos convidam a reflexões sobre o caráter crítico associado à literatura distópica. A seguir, procuramos

⁶ Fala de Carol J. Adams em palestra oferecida durante a 5ª Semana Anual de Direito Animal da Faculdade de Direito de Harvard, em 25 de fevereiro de 2019, cuja gravação está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kd9phAMfisl&t=1397s>. O trecho da fala em inglês é como segue: “This term evokes the stalking behavior of carnivorous animals, but also unintentionally naturalizes human male sexually exploitative behavior, while applying a negative meaning to actual predatory animals. [...] Men are often animalized when they are, in fact, being their most deliberate. Acts of sexual aggression, attacks, harassment, and exploitation are not animal-like. Serial sexual exploiters are not acting as nature would have it, but in a socially constructed way, and they could change”.

localizar *Saboroso Cadáver* dentro da literatura latino-americana contemporânea partindo das contribuições de Darko Suvin e Ursula K. Le Guin sobre a ficção científica enquanto gênero literário.

4 Ficção científica: predição, prescrição ou descrição?

No início de *Saboroso Cadáver*, Marcos vai ao criadouro Tod Voldelig e participa de uma visita guiada oferecida pelo dono do estabelecimento, O Gringo. A descrição do processo de produção de carne humana para consumo a qual temos acesso durante esse *tour* do local é bastante detalhada e reproduz de maneira contundente a forma como a agroindústria lida com o abate de animais para produção de carne atualmente, no mundo real. Os métodos de armazenamento e abate permanecem os mesmos, assim como as condições gerais de trabalho nos abatedouros, apenas substituindo os animais por seres humanos. Como afirma Riera,

A privação do prazer sexual, da linguagem e dos direitos reprodutivos, assim como a submissão a práticas intrusivas e brutais como inseminação artificial e sucção de leite, são fatores que subscrevem claramente a posição dos humanos desenvolvidos nos criadouros: eles ocupam o lugar antes destinado aos animais de consumo (como vacas, bois, galinhas, porcos) e são subjugados ao um regime de violência diretamente herdado da agroindústria (Riera, 2021, p. 102).

Aqui destacamos um exemplo inequívoco do esforço da autora em evidenciar esse paralelo e provocar estranhamento quanto ao estado das coisas. Trata-se de uma cena rápida que ocorre no final da visita ao criadouro, descrita em apenas um parágrafo e que parece destinada a provocar um choque de realidade tão potente quanto a contradição que ilustra. Nela, Marcos Tejo, O Gringo e um convidado alemão são atraídos para a área de descanso dos trabalhadores pelo cheiro de churrasco, onde os funcionários estão prestes a comer vitela, a carne mais macia e cara do mercado. O luxo deve-se ao fato de que estão comemorando que um dos homens acaba de ser pai. A realidade de que os personagens estão se alimentando de uma criança em celebração do nascimento de outra criança paira sobre o trecho sem ser explicitado. Essa cena nos oferece uma representação da maneira como o conceito de “novum” é desenvolvido em *Saboroso Cadáver*.

Em *Defined by a Hollow: Essays on Utopia, Science Fiction and Political Epistemology* (2010), Darko Suvin postula que a ficção científica se distingue de

outros gêneros literários pela dominância narrativa do que ele chama de “novum” ficcional, elemento cuja presença é logicamente necessária e deverá ser hegemônica na narrativa para que se possa considerá-la um texto de ficção científica. Trata-se de um fenômeno totalizante, no sentido de que implica uma mudança de todo o universo da história, ou pelo menos de aspectos cruciais à mesma, e que é, portanto, um meio pelo qual toda a narrativa pode ser apreendida analiticamente (Suvin, 2010, p. 68).

Na ficção científica, o “novum” se manifesta na narrativa de maneira que “uma transgressão da norma cultural é assinalada pela transgressão de uma norma mais do que meramente cultural, de uma norma ontológica, através de uma mudança na realidade do personagem seja por causa de seu deslocamento no espaço e/ou tempo ou porque a própria realidade muda ao seu redor” (Suvin, 2010, p. 75, tradução nossa)⁷. Em *Saboroso Cadáver*, vemos uma exploração dessa segunda possibilidade: o elemento de inovação está representado no deslocamento narrativo desenvolvido pela autora, quando transporta a realidade da maneira como lidamos com animais *hoje*, no mundo real, para os seres humanos no mundo ficcional, colocando-nos no centro dessa dinâmica estrutural de naturalização da violência. A leitura de *Saboroso Cadáver* provoca uma sensação de estranhamento na medida em que, ao substituir o bezerro por uma criança humana, a narrativa força o leitor a olhar para o consumo da vitela por uma perspectiva desautomatizada.

Ilustrando uma tendência das distopias contemporâneas, *Saboroso Cadáver* sequer busca construir sua narrativa de maneira a indicar ou sugerir que se passa em um tempo futuro. A precariedade das relações sociais, os avanços do autoritarismo, as cada vez mais enfáticas consequências da crise climática e uma série de demandas sociais e políticas dos nossos tempos parecem guiar o gênero distópico para uma “presentificação” de seus elementos, e as críticas sociais que levanta funcionam menos como um aviso de incêndio e mais como um retrato de como já estamos todos em chamas. Embora a sinopse promocional do livro oferecida pelo site da editora Darkside⁸ descreva *Saboroso Cadáver* como uma [...] “[d]istopia arrepiante [que] imagina um mundo em que a violência e o canibalismo são de fato

⁷ No texto fonte: [...] a transgression of the cultural norm is signified by the transgression of a more than merely cultural, of an ontological, norm, by an ontic change in the character/agent’s reality either because of her/his displacement in space and/or time or because the reality itself changes around him.

⁸ Embora uma discussão sobre categoriais de gêneros e subgêneros literários não seja o foco central deste trabalho, é interessante observar como *Saboroso Cadáver* é caracterizado como distopia e esteja alocado, no site da editora, na seção de literatura de terror e suspense, e não na de ficção científica, gênero ao qual as narrativas distópicas são mais comumente associadas.

naturalizados”⁹, o que chama atenção é que criar esse mundo não parece ter exigido um salto imaginativo muito longo partindo da nossa realidade. De fato, Fisher aponta que embora tenha havido um tempo em que distopias “eram exercícios semelhantes ao ato de imaginação”, manifestações contemporâneas do gênero exibem um mundo que “parece mais com uma extrapolação ou exacerbação da nossa própria realidade do que com uma alternativa a ela” (Fisher, 2010, p. 10).

Nesse sentido, a renomada escritora Ursula K. Le Guin é enfática ao desmentir a função de “preditora do futuro” que o senso comum ainda parece tentar atribuir à ficção científica. A autora aponta que prever o futuro é o trabalho de profetas, videntes e futurólogos, que o trabalho dos romancistas é mentir; e que é mentindo “da maneira peculiar, tortuosa e experimental própria da ficção científica” (Le Guin, 2019, p. 17) que se chega a uma verdade sobre quem já somos hoje. A ficção científica seria mais bem definida, portanto, enquanto experimento mental cujo objetivo não é prever o futuro, mas sim descrever a realidade, o mundo atual (Le Guin, 2019, p. 14), assumindo que há urgências que não podem ser imaginadas apenas em um futuro distante. Suvin afirma que a ficção científica é matéria prima para predições sobre o futuro apenas no sentido muito restrito de que ela reflete o próprio período histórico de quem escreve e as possibilidades inerentes a esse período (Suvin, 2010, p. 81). As implicações epistemológicas, ideológicas e narrativas do “novum” levam à conclusão de que uma ficção científica significativa é de fato uma maneira bastante específica de comentar o contexto coletivo de quem escreve (Suvin, 2010, p. 89). Dessa maneira, quando analisamos a caracterização da sociedade argentina em *Saboroso Cadáver*, vemos que o fim, ou ao menos o tempo distópico, não está apenas próximo; ele está entre nós.

5 Considerações finais

Neste trabalho, buscamos analisar o livro *Saboroso Cadáver* à luz de contribuições teóricas de Ursula K. Le Guin, Darko Suvin, Mark Fisher e Carol J. Adams. Sobre esta última, seu livro *A Política Sexual da Carne* é um importante marco epistemológico no que se refere a pontos de encontro entre feminismo e vegetarianismo. Contudo, é importante apontar que se trata de um livro escrito no

⁹ Ver: <https://www.darksidebooks.com.br/saboroso-cadaver--brinde-exclusivo/p>.

contexto estadunidense dos anos 1970 que, em muitos momentos, carece de interseccionalidade, especialmente quanto ao caráter cisheteronormativo da maneira como a autora expõe algumas de suas ideias, associadas a um binarismo de sexo e gênero, que têm sido alvo de críticas nos últimos anos. Dessa forma, julgamos importante evidenciar a perspectiva essencialista adotada no livro, embora esta também não seja necessariamente a perspectiva adotada pela autora atualmente, visto que Adams continuou e continua revisitando sua obra e revendo suas posições.

Quanto ao corpus desta análise, o retrato construído por Bazterrica, de um estado de exceção no qual reinam justificativas para a barbárie com o apoio do discurso de diversas instituições de poder (a medicina, a cultura, o governo), nos remete a diversos episódios da história cujas consequências reverberam sem previsão de fim. Assim, a expressão “num futuro indeterminado” parece caber menos a *Saboroso Cadáver* do que à maioria das narrativas distópicas que hoje são consideradas clássicas. Em vez de anunciar um futuro sombrio, o livro parece mais preocupado com denunciar um presente distópico deliberadamente esquecido, traçando paralelos entre os eufemismos e mecanismos de negação e adaptação presentes na narrativa e os em pleno funcionamento na nossa realidade. A visão privilegiada concedida a quem lê o livro, através da posição de Marcos Tejo na sociedade de *Saboroso Cadáver*, é negada quando tratamos do abate de animais não humanos na realidade. Trata-se de um ocultamento que a maior parte da população escolhe não questionar, pois envolve um conhecimento que não queremos ter. Como afirma Adams, “os matadouros são estruturas enclausuradas. Não vemos nem ouvimos o que acontece ali. [...] Não queremos saber da fragmentação porque esse é o processo pelo qual o referente vivo desaparece” (Adams, 2018, p. 90).

Concomitante à crítica ao modo como consumimos animais, Bazterrica sinaliza a antropofagia simbólica inerente ao capitalismo tardio, cujo funcionamento depende da fragmentação e do aniquilamento não literal, embora não menos real, de pessoas. O livro explora um sistema de legitimação da crueldade do qual se apropria o capitalismo a fim de reafirmar o consumo de seres humanos baseada na instauração do medo, que parece consolidar uma atitude generalizada de “antes eles do que eu”. *Saboroso Cadáver* se constitui, portanto, como uma distopia do “aqui e agora”, e seu principal mérito reside nos estratégicos deslocamentos narrativos utilizados por Bazterrica para exigir que olhemos determinados fenômenos sociais da nossa realidade como se os estivéssemos enxergando pela primeira vez. A autora sintetiza

em seu romance um lembrete sobre a fragilidade das conquistas políticas e de direitos, sobre como a lei, a ética, a moral, as regras sociais e mesmo a hierarquia biopolítica que coloca seres humanos em posição de superioridade em relação a animais não-humanos não são estáticos, mas vulneráveis a circunstâncias políticas e econômicas. Nas palavras da personagem Spanel: “Hoje sou a açougueira, amanhã posso ser o gado” (Bazterrica, 2022b, p. 42).

VIOLENCE AND THE CONSUMPTION OF BODIES IN *TENDER IS THE FLESH*, BY AGUSTINA BAZTERRICA

Abstract: The book *Tender is the Flesh*, by Argentine writer Agustina Bazterrica, depicts a society in which a virus has spread among animals across the planet, making their flesh deadly to humans. Pressured by the meat industry, governments across the world sanction the breeding and reproduction of human beings as animals for slaughter and we are gradually introduced to the inner workings of a society where cannibalism is legalized. This article seeks to analyze this dystopian narrative through the lens of capitalist realism as proposed by Mark Fisher and discuss the instrumentalization of language and the representation of gender violence in the book considering the concept of absent referent as applied by Carol J. Adams. As a work of contemporary Latin American speculative fiction, we seek to investigate the parallels the book establishes with current social configurations and reflect on social roles often associated with the dystopian genre.

Keywords: Dystopia. Capitalist realism. Gender violence.

Referências

A CARNE. Compositores: Marcelo Yuka, Seu Jorge e Ulisses Cappelletti. In: Do Cócix até o Pescoço. Intérprete: Elza Soares. Maianga Discos, 2002. 1 CD, faixa 6 (3min39s).

ADAMS, Carol J. *A Política Sexual da Carne: uma Teoria Feminista-Vegetariana*. Tradução: Cristina Cupertino. 2. ed. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018.

ADMIRÁVEL Gado Novo. Compositor: Zé Ramalho. In: *A Peleja do Diabo com o Dono do Céu*. Rio de Janeiro: Estúdios CBS, 1979. 1 CD, faixa 2 (4min53s).

BAZTERRICA, Agustina. A Literatura de Terror é um Canal das Emoções Sociais. Entrevista cedida à editora Darkside. *Dark Blog*, São Paulo, 06 jul. 2022a. Disponível em: <https://darkside.blog.br/agustina-bazterrica-a-literatura-de-terror-e-um-canal-das-emocoes-sociais/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

BAZTERRICA, Agustina. *Saboroso Cadáver*. Tradução de Ayelén Medail. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2022b.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Argentina: Relatório Agronegócio. [Brasília]: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 17 fev. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/relacoes-internacionais/adidos-agricolas/argentina>. Acesso em: 01 dez. 2022.

DAVIS, Angela. *Mulheres, Classe e Raça*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FISHER, Mark. *Realismo Capitalista: É Mais Fácil Imaginar o fim do Mundo do que o fim do Capitalismo?* Tradução: Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato, Maikel da Silveira [Coord.: Manuela Beloni, Cauê Ameni]. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

LE GUIN. Ursula K. *A Mão Esquerda da Escuridão*. Tradução de Susana L. de Alexandria. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2019.

RIERA, Raquel. Somos o que Comemos: Considerações Sobre os Limites entre Humano e Não-Humano em Cadáver Exquisito, de Agustina Bazterrica. *Língua Literatura e Ensino*, Campinas, v. XVII, 2021. Disponível em: <https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/lle/article/view/6602>. Acesso em: 01 dez. 2022.

SUVIN, Darko. Science Fiction and the Novum (1977). In: SUVIN, Darko. *Defined by a Hollow: Essays on Utopia, Science Fiction and Political Epistemology*. Oxford: Peter Lang, 2010. p. 67-92.

Recebido em 24/04/2023

Aceito em 27/11/2023

Publicado em 30/11/2023